

ENTRE A DISCIPLINA E O CANSAÇO: A INFÂNCIA NOS BRAÇOS DO DESAMPARO

FERNANDO RODRIGUES DOS SANTOS¹; ERIK DA ROSA PAULINO²;
LEONARDO ROMAN ULTRAMARI³; FILIPE SILVEIRA ZOPPO⁴; DANIELA DELIAS
DE SOUSA⁵

¹ Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - f.rodrigues-@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - erikrosapaulino@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - leonardo.ultramari@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - f.s.zoppo@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Rio Grande (FURG) - daniela.delias@gmail.com.br

1. INTRODUÇÃO

Pensar as influências da sociedade contemporânea na infância é vital para analisar os contextos de desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos ao longo de suas vidas. Partindo de duas concepções de um ser em sociedade, propomos o contraste da sociedade disciplinar, através da obra de Foucault, e da *Sociedade do Cansaço* descrita por Byung-Chul Han em livro de mesmo nome. Faremos essa comparação usando como base teórica-estética o filme francês *Les quatre cents coups* (em português: Os Incompreendidos), de François Truffaut (1959) e o documentário brasileiro *Pro dia nascer feliz*, de João Jardim (2005). Perpassando esses dois paradigmas, abordaremos alguns modos de sofrimento psíquico na contemporaneidade, sobretudo o desamparo, tendo em vista discutir a questão: existem alternativas para a infância em tempos de mudança de um paradigma social que passa das imposições disciplinares às exigências de desempenho?

2. METODOLOGIA

Para alcançar a proposta será feito um ensaio teórico que tem por característica fundamental a construção simultânea de seu método e seu conteúdo, de modo que o material consultado, as discussões feitas e as relações levantadas formam tanto os caminhos quanto os conteúdos da pesquisa. Esse método é apresentado sobretudo por Luigi Pareyson em seu texto “Problemas da Estética”, através do conceito de *formatividade*, o qual vê a arte como um fazer no *por-vir*. A arte para ele não seria uma ideia definida de antemão que apenas executa-se em suas etapas, mas, sim, que ao construir (em processo) ela define os novos rumos. Expandimos o termo *arte* para a metodologia de pesquisa, pois vemos as similaridades na concepção do processo criativo do artista e do pesquisador (PAREYSON, 2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise do texto “Como se exerce o Poder” (1995) de Michel Foucault, a sociedade moderna pode ser vista em termos de uma busca da disciplina através das relações de poder, em que instituições são formadas para ‘domesticar’ e controlar o indivíduo; essas instituições disciplinares e totalizantes (a

escola, a família, o exército, as prisões, a igreja, o hospital e o sanatório) são estruturadas para maximizar os efeitos das relações de poder, desde sua forma (como no caso do panóptico), suas hierarquias e/ou procedimentos específicos de dominação. O autor exemplifica:

“Quanto às relações de poder propriamente ditas, elas se exercem por um aspecto extremamente importante através da produção e da troca de signos; e também não são dissociáveis das atividades finalizadas, seja daquelas que permitem exercer este poder (como as técnicas de adestramento, os procedimentos de dominação, as maneiras de obter obediência), seja daquelas que recorrem, para se desdobrarem, a relações de poder (assim na divisão do trabalho e na hierarquia das tarefas)” (FOUCAULT, 1995, pg. 241).

No filme *Os incompreendidos* podemos ver todos estes elementos sendo usados sobre Antoine, a personagem principal: na estrutura educacional em que o professor possui uma posição de superioridade frente aos *alunos* (aqueles sem luz), situando-se em um palanque onde dita o conhecimento e pune qualquer forma de comportamento desviante, na cena em que Antoine é levado para a delegacia por seu pai, tornando explícita a hierarquia de poder, e em todos os momentos em que é agredido fisicamente.

Byung-Chul Han define a sociedade do desempenho como uma sociedade do exagero de positividade, que tem por característica um novo tipo de violência invisível, a qual “não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso, é inacessível a uma percepção direta” (HAN, 2015, pg. 20). É fundamental pensar as consequências danosas para a infância nesta sociedade que enaltece o multitasking (multitarefa), que faz o indivíduo sofrer pela carência de vínculos afetivos, que o fragmenta, que o pressiona a ter o máximo desempenho a todo custo, que o soterra com frases motivacionais, que o adocece com enfermidades neuronais (como depressão, ansiedade, TDHA, síndrome de burnout ...) e, sobretudo, que o desampara.

Tanto nas concepções de Foucault como nas de Han a ideia de liberdade é central. Foucault afirma que a liberdade é condição de existência para as relações de poder, visto que do contrário, no caso em que o indivíduo não a possuísse, estaria assim numa posição de escravidão e a relação seria apenas de coerção; para ele relação de poder é “um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. Uma ação sobre a ação, sobre ações eventuais, ou atuais, futuras ou presentes” (FOUCAULT, 1995, pg. 243). Já para Han, a sociedade do cansaço tem um excesso de liberdade, porém esta é uma liberdade paradoxal, pois “a queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário faz com que a liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” (HAN, 2015, pg. 29-30).

O documentário “Pro dia nascer feliz” demonstra essa situação paradoxal da liberdade na fala da estudante Ciça: “*Eu acho que o pior, mas também não acho que isso é do colégio, acho que é da vida. A pressa de saber o que você é, o que você vai ser*”. Ciça tem uma gama de possibilidades de futuro e escolhas em função do vestibular, porém a despeito disso vê-se impossibilitada de agir, tomada pela depressão e ansiedade bem como aponta Han:

“A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma

autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma” (HAN, 2015, pg. 29).

No que se refere à infância, Lucia Rabello de Castro em seu texto “A infância e seus destinos no contemporâneo” explana que esta “constitui um aspecto estruturante das sociedades, observando sua participação no mundo do trabalho” (CASTRO, 2002, pg. 52) visto que a ela é delegado produzir (ou melhor, reproduzir) o conhecimento ao ser inserida na escola. A criança irá/terá que “consolidar práticas e saberes no mundo do trabalho em geral” (CASTRO, 2002, pg. 52). Aqui torna-se evidente a lógica da positividade: tirar boas notas, fazer aulas de língua estrangeira, escolinhas de esportes, natação e tantas outras atividades da cultura infantil-adultizada pela lógica do desempenho.

Tanto na sociedade disciplinatória foucaultiana quanto na sociedade do cansaço de Han é possível verificar uma alta prevalência de sofrimento psíquico: na primeira pela sensação de incapacidade de agir frente à restrição - obras literárias como “1984”, de George Orwell resumem bem a sensação que o indivíduo sente frente tamanha opressão; na segunda, essa incapacidade se dá por não poder parar, pela excessividade.

O sofrimento psíquico evidenciado nos dois paradigmas remete-nos à ideia de desamparo. Oliveira, Restell e Justo (2014), ao revisarem o tema sob a ótica freudiana, apontam para a concepção de que o indivíduo contemporâneo vive no tempo do desamparo, o que acentua formas de subjetivação muito regressivas e o declínio simbólico, fatores que estão intimamente associados ao adoecimento, principalmente pelo enfraquecimento de laços com o outro. No filme *Os incompreendidos*, é evidente o desamparo de Antoine e o enfraquecimento contínuo de seus vínculos com a família e a escola. Frente a isso, o menino busca de inúmeras formas um novo movimento, como descreve Han ao se referir à experiência do tédio:

“Quem se entedia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entendia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo.” (HAN, 2015, pg. 35)

Isso pode ser visto em sua ligação com a poesia de Balzac, com o cinema e, por que não dizer, em sua possível relação com a escrita, sugerida na delicada cena do roubo de uma máquina de escrever. Antoine caminha o tempo todo pela cidade, como se o andar pudesse ressignificar a falta de sentido e amparo frente à própria existência. No final, quando todos os cercos parecem se fechar, ainda assim anda em direção ao mar, e olha nos olhos do espectador como quem também se pergunta sobre possíveis saídas.

4. CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo examinar o impacto de duas concepções de sociedade para a infância: a sociedade disciplinar, mencionada por Foucault, e a Sociedade do Cansaço, proposta por Han. Para isso, utilizou como base teórica-estética o filme *Os incompreendidos*, de Truffaut, e o documentário *Pro dia*

nascer feliz, de João Jardim. A análise e a discussão das questões levantadas pelos textos e pelos filmes colocam-nos diante da questão trazida na introdução deste trabalho: É possível pensar em alternativas para a infância frente aos modos de sofrimento psíquico e desamparo impostos pelos paradigmas?

Han propõe uma alternativa através contemplação, ao redefinir a ideia de sociedade do cansaço para um cansaço criativo e reconciliador (nas palavras de Handke) — um tempo sem trabalho, um tempo lúdico, do não-fazer, de tornar-se tolerante com o tédio (pois na sociedade do cansaço este é banido).

Por vias diferentes, Castro chega ao *caminhar* como forma de possibilidade de autonomia da criança, por um caminhar sem objetivo: a deambulação. Segundo a autora, “as crianças hoje enredam-se também no processo de ocupar e conquistar a cidade onde moram, o que explicita sua aparição no cenário social não apenas como consumidora, ou potencial trabalhador, mas como a que também exercita sua aparência e sua presença no tecido social” (CASTRO, 2002, pg. 55) e que “do ponto de vista do sujeito contemporâneo, ou da criança de hoje, vemos surgir uma outra lógica de socialidade e subjetivação – a da circulação” (CASTRO, 2002, pg. 54).

Quando trata-se desse caminhar criativo parece-nos que a figura mais emblemática é a do *flâneur*, nas palavras de Sontag “o andarilho *voyeurista* que descobre a cidade como uma paisagem de extremidades voluptuosa. Adepto das alegrias de observar, conhecedor da empatia, o flâneur acha o mundo ‘pitoresco’” (SONTAG, 2005, pg. 43). Dentre os flâneurs, talvez o mais notável seja Charles Baudelaire — que resume a experiência de caminhar em seu poema *As Multidões*: “Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar a própria solidão também não sabe estar só entre a gente atarefada” (BAUDELAIRE, 1869/1995, pg. 41)

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. **Spleen de Paris**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

CASTRO, Lucia Rabello. **A infância e seus destinos no contemporâneo**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun. 2002

FOUCAULT, Michel. **Como se exerce o poder?** In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária. Tradução de Vera Porto Carrero, 1995.

OLIVEIRA, Adriana; RESSTEL, Cizina & JUSTO, José. **Desamparo Psíquico Na Contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP 13(1), 2014.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SONTAG, Susan. **On Photography**. 43. ed. New York: RosettaBooks LLC, 2005.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.